

# O ESTUDO DA ISLAMOFOBIA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

THE STUDY OF ISLAMOPHOBIA THROUGH THE MEDIA

*Priscila Silva dos Santos\**

**Cite este artigo:** SANTOS, Priscila Silva dos. O Estudo da Islamofobia através dos meios de comunicação. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 79-90, 10 de nov. 2016. Semestral. Disponível em: <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 10 de nov. 2016.

**Resumo:** O presente artigo visa tratar de um tema atual, a crise migratória que assola o mundo, mas por outro viés. Nosso foco não será exatamente a questão dos refugiados, mas sim, como a islamofobia – termo que iremos conceituar ao longo do texto – acarreta problemas na aceitação e inserção dos refugiados e imigrantes de origem árabe islâmica nas sociedades ocidentais. Abordaremos essa questão a partir de exemplos reais extraídos de jornais, revistas e telejornais nacionais e internacionais e a partir destes, mostraremos que a construção desse preconceito não é recente, como ele foi perpassado ao longo da história e como é encarado e até justificado nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Refugiados, islamofobia, preconceito, migração, árabe, muçulmano.

**Abstract:** This article aims to analyse a current subject: the global migration crisis, albeit with a new framework. Our focus isn't on the refugee crisis, but rather on how islamophobia – a concept we will define throughout the text – causes problems in the reception and integration of refugees and immigrants with arab islamic origin in western countries. We shall approach this question using contemporary sources such as newspapers, magazines and national and international press. Using these, we will demonstrate how the construction of this prejudice is not recent, how it has evolved through time and how it is seen and justified nowadays.

**Keywords:** Refugees, islamophobia, prejudice, migration, arab, muslim.

## Conceitualizando “islamofobia”

A proposta desse artigo é mostrar como os jornais e revistas do Brasil e do mundo tratam o tema da recepção e aceitação de refugiados árabes islâmicos e de que maneira suas publicações sugerem que foram cometidos atos islamofóbicos. Para esse fim, trataremos de três casos recentes (de 2014 e 2015) que representam a islamofobia e que foram difundidos amplamente por diversos meios de comunicação, mostrando a interpretação de cada meio para cada caso. Embora que ao final do debate constatemos que “islamofobia” ainda não possui um conceito gramaticalmente aceito, o definiremos com base na bibliografia trabalhada nesse artigo, contrapondo e relacionando autores.

Mustapha Chérif, em “El Islam y Occidente: encuentro com Jacques Derrida” (2007), diz que as justificativas para a manutenção do ódio aos árabes islâmicos são frutos de uma amnésia do Ocidente, que não reconhece que há uma memória e valores em comum com o Oriente. Chérif e Jacques Derrida - que é entrevistado no livro - concordam que deveria se iniciar uma desconstrução da construção europeia sobre o Islã.

“Afortunadamente, a maioria dos muçulmanos vivem sua fé de maneira pacífica e rejeita tanto o uivo dos lobos que chamam a intolerância como o canto das sirenes que chamam a despersonalização” (CHÉRIF, 2007, p. 11, tradução nossa). Derrida (CHÉRIF, 2007, p. 52) acrescenta que os religiosos que não são dogmáticos e nem fundamentalistas são mais propensos a compreender e respeitar a religião e a fé do outro.

O termo “islamofobia” aparece escrito pela primeira vez na França na década de 1920 como “*islamophobie*” e reaparece na década de 1970. No entanto, essas duas aparições do termo contam com diferenças em suas significações. A primeira se refere a disputas e diferenças dentro do Islã e a segunda, ao repúdio aos muçulmanos e ao islamismo (LORENTE, 2012).

Em 1992 a Runnymed Trust - instituição independente que visa pesquisar e promover a diversidade cultural e étnica no Reino Unido – criou a Comissão para os Muçulmanos Britânicos e Islamofobia (Commission on British Muslims and Islamophobia). Essa comissão em 1997 enuncia uma definição para “islamofobia” que foi amplamente aceita: islamofobia se refere ao pavor ou ódio do Islã, portanto, gera medo e antipatia sobre todos os muçulmanos e inclusive os muçulmanos árabes, que são nosso foco neste artigo.

Chris Allen, em seu artigo “Islamophobia and its Consequences” (2007), coloca que é a partir de tal explanação que esse conceito começou a ter relevância fora do Reino Unido. Javier

Rosón Lorente, em “Discrepancias en torno al uso del término islamofobia” (2012), também comenta que esse episódio abriu espaço para críticas, no que concerne ao uso indevido deste termo.

O termo “islamofobia” não deve ser entendido como um termo estático, mas sim, em constante mudança e atualização. Segundo Lorente (2012, p. 170), há três grandes correntes críticas e várias outras de diversos segmentos que contestam a validade do uso da palavra. Essas três correntes principais são de razão racial, étnica e religiosa.

A crítica racial coloca que a islamofobia seria um tipo de racismo proveniente em primeiro lugar das elites intelectuais, e destas foi se difundindo. Esse “novo racismo” é baseado no medo ao Islã. Lorente coloca que isso implica combinações entre os demais preconceitos, como o religioso e o cultural. Em um primeiro momento é raro que um muçulmano seja excluído apenas pela sua religião, portanto, é uma fusão de fatores que contribuem para isso, como por exemplo, a vestimenta, a cor da pele, o fenótipo, as expressões de nacionalismo, cultura, religião, história, mas também por ser imigrante ou refugiado.

A crítica religiosa se resume em dois pontos principais. O primeiro diz respeito à apropriação por alguns muçulmanos do uso do termo “islamofobia” para tentar impedir qualquer crítica vinda de fora sobre a religião muçulmana, seria uma espécie de proteção para que ela não pudesse ser questionada. No segundo, propõe-se que associar islamofobia ao medo, ódio ou preconceito ao Islã em sua forma religiosa é um erro, pois considera-se que os preconceitos racial, étnico e cultural, são muito maiores e mais notáveis que o religioso.

A crítica étnica está relacionada também com a religião, mas no que concerne à formação de um grupo étnico. Definimos aqui “grupo étnico” a partir da visão “objetivista” de Abner Cohen. Estes seriam grupos formados a partir do compartilhamento de traços culturais específicos de uma determinada coletividade. Em “Grupos étnicos e etnicidade”, Paulo Pinto esclarece ainda que “muitos grupos étnicos enfatizam uma origem biológica comum e traços fenotípicos que os distinguiriam dos demais” (p. 69).

Tratamos aqui do grupo étnico árabe - e especificamente os de religião islâmica, sem suas possíveis ramificações em decorrência das diferentes vertentes do islamismo. Como exemplo para nossa afirmação, muçulmanos sunitas e xiitas de países árabes formam um grupo étnico pela origem biológica comum, traços fenotípicos e culturas semelhantes. As culturas claramente são reinventadas, mas algum elemento deve prevalecer entre os grupos sociais para que se tenha um grupo étnico. (CRUZ, 2013, p. 19)

Os críticos étnicos, tais quais os religiosos, defendem que a islamofobia não deve ser essencialmente caracterizada pelo ódio aos muçulmanos por sua fé, mas sim por aspectos étnicos vinculados a “termos biologizantes”, como o racismo e xenofobia.

Portanto, os processos contemporâneos de essencialização dos muçulmanos corresponderiam a uma nova fase de legitimação da etnização, ou seja, da alteridade de um indivíduo ou grupo com respeito ao *outro*. (LORENTE, p. 174, tradução nossa).

Os muçulmanos podem mobilizar-se e formarem redes étnicas que funcionem como um apoio mútuo dentro desse grupo, ou seja, “laços de solidariedade e padrões de interação social que geram obrigações morais e sociais entre os indivíduos a ela pertencentes” (PINTO, 2012, p. 69). Em nosso entendimento, somente ao apresentarem características fenotípicas e culturais árabes islâmicas, uma pessoa pode sofrer preconceito, ainda que futuramente saiba-se que ela não faz parte da comunidade muçulmana. Podemos exemplificar com o caso de uma repórter que não era muçulmana mas fez o experimento de sair na rua trajando dois tipos de véus islâmicos, niqab e hijab, e foi julgada pela sua aparência como algo estranho e anormal para a nossa sociedade. [1]

Seguindo a abordagem de Lorente, explanaremos sua crítica etimológica/ terminológica. Para o autor, mais propício que usar o termo “islamofobia” para designar o ódio ao muçulmano árabe, seria decompor esses preconceitos e fazer deles várias classificações para os seus diferentes tipos. Por exemplo, empregar termos como antiárabe, racismo antimulçumano, entre outros.

Lorente não concorda com o emprego da palavra “fobia” em “islamofobia”. Ele se aproxima de Allen com a justificativa de que esse sentimento de medo é irracional, repele e se põe em defensiva contra o Islã. Outra crítica quanto à formação do termo é o uso de “islam”, que faz referência ao ódio por uma unidade. Claramente, isso engloba questões de religião, raça, etnia, cultura. No entanto, nem todos os muçulmanos possuem todas essas características em comum, deixando transparecer a inexatidão no uso do termo “islamofobia”. Na opinião de Lorente, islamofobia necessitaria dos 150 anos que necessitou “antisemitismo” para ser um termo gramaticalmente aceito.

A próxima crítica não é em especial sobre a islamofobia, mas sim, sobre a construção da imagem do Oriente a partir do ponto de vista do Outro, no caso, os ocidentais. De acordo com Said (1996), “o orientalismo vê o islamismo como uma “seita”, sem valor algum, algo parecido com o que aconteceu com a colonização da América Latina. O Oriente é estudado a partir de um olhar preconceituoso, e o que faz o Oriente hoje são os pensamentos europeizados”. (p. 1509)

Ao longo do tempo, o Ocidente representou a si próprio como um modelo de civilidade desenvolvido em vários aspectos, tanto culturalmente como religiosamente. O Oriente era a imagem de desordem, religiosamente sem nenhum valor e possuía uma diminuta cultura. Esses foram alguns dos argumentos que o Ocidente usou para justificar sua dominação sobre os povos orientais.

A visão de um mundo árabe perigoso vem sendo disseminada pelos ocidentais até os dias atuais, sobretudo através dos meios de comunicação. Essa estereotipização - de acordo com a definição de orientalismo por Said (1996) - do árabe islâmico ganhou força a partir de acontecimentos como o aparecimento dos talibãs e o mais recente ataque terrorista (em 2015) à redação do jornal francês Charlie Hebdo – que em 2011 também foi atacado por uma bomba colocada no local.

Nossa interpretação de “islamofobia” fará referência ao ódio e medo aos árabes islâmicos. A intolerância para com os árabes seguidores da moral islâmica baseia-se principalmente na imagem estereotipada do árabe muçulmano terrorista, totalmente contra os valores ocidentais e fundamentalista nos âmbitos religioso e político.

## **1. O terrorismo, os refugiados e o islamismo**

Vivemos atualmente no mundo uma grave crise migratória e podemos acompanhar o seu desenrolar pela mídia mundial. Assistimos sobre casos e histórias de refugiados que fogem de seus países por causa de guerras, conflitos políticos, miséria e também observamos as implicações dessa migração. De início, torna-se importante explicar os significados de alguns dos termos relacionados ao tema das migrações que serão utilizados neste artigo.

Podemos começar caracterizando a migração e os principais atores desse contexto migratório atual: os refugiados. “O termo migração corresponde à mobilidade espacial da população. Migrar é trocar de país, de Estado, Região ou até de domicílio”. [2] As migrações podem ser forçadas ou voluntárias.

Já o refugiado, não pode ser definido simplesmente como um migrante. Caracterizaremos “migrante” da maneira como o termo é tratado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). Segundo a agência, migrantes são pessoas que saem de seu país de origem ou residência voluntariamente, geralmente por reunião familiar ou em busca de uma vida melhor. Esses indivíduos ainda que vivam fora de seus países, continuam recebendo proteção de seus governos por meio das embaixadas, como com a emissão de

documentos como passaportes, certidões, procurações, declarações, etc; defesa pelo respeito aos cidadãos de seu país; proteção dos interesses de seus cidadãos, entre outros.

Conforme a lei nº 9.474/97, refugiado é qualquer pessoa que foge de seu país por temor a perseguições - este termo diz respeito a práticas contrárias aos direitos humanos contra uma pessoa, suprimindo seu direito à vida e à liberdade em seu país de origem ou de residência - ou por já estar sendo perseguido. Os motivos de perseguição podem ser diversos, como: raça, nacionalidade, religião, ideais políticos, etc. Obviamente, diferente do migrante, é praticamente impossível para o refugiado retornar ao seu país e por isso ao cruzar as fronteiras ele conta somente com a proteção internacional dos Estados, do Acnur e de outras organizações.

Nos dias de hoje, a procedência dos solicitantes de refúgio é em sua maioria de países da África, Oriente Médio, das Américas Sul e Central. Segundo o Acnur, há hoje cerca de 3,9 milhões refugiados sírios no mundo e 1.600 no Brasil [3]. Eles fogem da guerra entre o governo ditatorial de Bashar al-Assad e seus opositores, que assola a Síria há cinco anos, causando insegurança para a população. Mas também fogem dos ataques do grupo terrorista Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL). A comunidade árabe islâmica carrega o fardo de ser estereotipada como terrorista em virtude de alguns grupos terroristas serem de religião islâmica, mas de cunho extremista.

O terrorismo que presenciamos atualmente surgiu a partir dos ideais de Sayyid Qutb – considerado pai do islamismo radicalista na década de 1970 -, que condenava a moralidade ocidental e defendia que os países de maioria islâmica deveriam ser regidos pela sharia, ou seja, os indivíduos respeitariam o que está escrito no Alcorão e as leis de Allah, repelindo qualquer interferência ocidental no modo de fazer as leis. Para Qutb, a jihad (luta contra os infieis para o estabelecimento do islamismo no mundo) deveria ser a partir de um “esforço espiritual e, em caso necessário, luta defensiva contra os inimigos da comunidade muçulmana” (FERREIRA, 2010, p. 1095).

Segundo o Sheikh Muhammed Salih Al-Munajjid em artigo escrito em 2011 para o site “Brasileiros Muçulmanos” [4], o objetivo da jihad não é a morte de civis que não compactuam com o islamismo, mas sim, a divulgação da religião visando atrair cada vez mais fieis, para que o islamismo possa se expandir pela Terra e triunfar sobre as outras religiões. Uma vez alcançado esse objetivo, nenhuma gota de sangue seria derramada. No entanto, o jihadismo assumido pelo EIIL e pela Al-Qaeda se impõe por meio de combates armados para a conquista de Estados islâmicos, atacando até mesmo muçulmanos, como por exemplo, os da minoria yazidis que é considerada infiel pelo grupo terrorista. O terrorismo existe desde a era dos Impérios, mas

ganhou maior visibilidade após o atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que matou 2.996 pessoas.

O que acabamos de descrever acerca da correspondência que o senso comum faz entre o terrorismo e a comunidade islâmica – principalmente originária de países árabes, como a Síria - é uma das particularidades do termo “islamofobia”. Trabalharemos esse conceito com exemplos de exclusão social de árabes islâmicos por fatores étnicos, culturais e religiosos, em sua maioria.

## 2. Exemplos de islamofobia difundidos a partir dos meios de comunicação

Tomaremos como primeiro caso a ser estudado as charges publicadas pela revista francesa Charlie Hebdo que satiriza a morte do menino sírio Aylan Kurdi na praia turística turca de Ali Hoca Burnu. Aylan e sua família fugiram da cidade de Kobane, na Síria e pretendiam chegar ao Canadá. No entanto, durante a viagem até a Turquia, o bote em que estavam não resistiu à força do mar e acabou virando. Morreram Aylan, a mãe, um irmão e um outro jovem que estava no bote junto com eles.

A primeira charge feita pela revista que trataremos é uma reprodução da foto do menino morto na praia e tem uma placa da rede de fast-food Mc Donald's que diz “Promoção! Dois menus infantis pelo preço de um” e do outro lado está escrito “Tão perto do objetivo...”. Na segunda charge intitulada “A prova de que a Europa é cristã” tem o desenho de um menino - provavelmente Aylan - boiando no mar com os pés para cima dizendo “As crianças muçulmanas afundam” para um homem que diz “Os cristãos andam sobre as águas”.



Figura 1





Figura 2

Esse caso foi tratado pelos principais jornais mundiais como uma pesada crítica à onda de refugiados sírios que chegam todos os dias à Europa. O tabloide britânico Daily Mail menciona prontamente no título de uma matéria [5] que a revista Charlie Hebdo enfrenta ações legais por publicarem conteúdos racistas e de ódio, nesse caso, islamofóbico. O jornal brasileiro O Estado de S. Paulo, em sua seção Internacional, comenta sobre o caso da charge sem um tom crítico [6]. Colocam que o semanário que se tornou símbolo da liberdade de expressão após ser atacado por militantes islâmicos por publicar uma charge sobre o profeta Maomé, agora volta a criar polêmica com a charge de Aylan. Deutsche Welle (DW), um jornal alemão, além de comentar sobre as críticas que Charlie Hebdo começou a receber após essa charge, enuncia a posição de diversos jornais internacionais ao tratarem do tema [7]. Segundo o DW, aparentemente as charges foram publicadas pela revista com o intuito de demonstrar desaprovação pela maneira como os refugiados são recebidos na Europa. Lendo os comentários dos leitores, a maioria indaga onde termina o limite do humor e da liberdade de expressão e nesse caso, como o comentário da revista francesa L'Obs, a sátira é “insensível” e “repugnante” [8].

Na literatura sobre islamofobia, casos como esse de uma suposta “liberdade de expressão” são defendidos no viés da crítica ao termo “islamofobia”. De acordo com seus críticos, o conceito por sua simbologia “ameaça a liberdade de expressão de certos setores e atores sociais” (LORENTE, p. 177, tradução nossa). Charlie Hebdo já conhecida por fazer pesadas sátiras ao Islã e também a outras denominações religiosas, na minha opinião, com essa charge demonstra não o medo, mas o ódio aos árabes e muçulmanos. Ainda vejo que na revista prevalece a velha ideia de superioridade europeia sobre o Oriente. A charge do menino e do homem demonstra



exatamente isto, colocando os cristãos acima dos muçulmanos, ou seja, os muçulmanos “podem afundar”, mas a fé cristã permite a salvação ao seu fiel.

O segundo caso que trataremos é o da cinegrafista húngara Petra László, do canal de televisão N1TV que foi filmada duas vezes chutando refugiados sírios que tentavam fugir da polícia na cidade de Röszke, na Hungria.



Figura 3



Figura 4

O acontecimento chocou a maioria dos jornais que tomamos como fontes e também os seus leitores. O jornal espanhol El País ao descrever o caso [9], coloca em dúvida a versão da

cinematista de haver tropeçado nessas pessoas e termina concluindo que definitivamente ela os golpeou. O DW destaca [10] que Petra foi demitida do seu canal de televisão - que é ligado ao partido político Jobbik, de extrema direita, antisemita e contra a imigração. Segundo o jornal brasileiro Folha de S. Paulo [11], a cinematista declarou que não é racista ou xenófoba, apenas chutou os refugiados por pensar que estava sendo atacada. O canal americano Fox News [12] e o jornal francês L'Express [13], ambos de direita política, tratam a notícia de maneira semelhante, defendendo que a jornalista tropeçou e fez os refugiados caírem, e destacam a demissão da jornalista. O Daily Mail expõe [14] em sua publicação a opinião da população civil perante o caso. Embora eles também descrevam o acontecimento com as palavras “chute” e “tropeço”, as opiniões que se sobressaem vão contra a atitude da repórter. Uma delas indaga se ainda caberia neste caso a dúvida se foi ou não um tropeço de Petra. Esse episódio pode ser classificado como preconceito étnico, pois a atitude violenta de Petra László se deu por tratar-se de refugiados sírios e não muçulmanos, em um primeiro momento. Esse é o preconceito etno-religioso abordado por Chris Allen. Segundo o autor, o preconceito primeiro atinge a comunidade etno-religiosa e posteriormente, a comunidade religiosa em si.

Nosso terceiro caso é de 2014 e se trata da validação da proibição do uso do véu islâmico em locais públicos na França – o país ocidental com o maior número indivíduos de religião muçulmana.



Figura 5



Figura 6

Durante sua vigência na presidência, Nicolas Sarkozy em 2010 propôs uma lei que veta o uso de véus islâmicos que cubram totalmente ou parcialmente o rosto. Segundo notícia publicada no O Estado de S. Paulo [15], a medida é aplicada pois o uso do véu fere os princípios republicanos do país e sua ordem social, como comenta a ministra da Justiça Michele Alliot-Marie. Além desse argumento, o governo francês diz que o rosto tem um importante papel nas interações sociais e a medida não é proveniente de uma intolerância religiosa, ao contrário, visa também dar liberdade à mulher [16]. A lei é punitiva e quem for pego usando o véu facial (burca ou niqab) em espaço público receberá uma multa de 150 euros e poderá ser obrigado a fazer um curso de cidadania francesa. O jornal britânico BBC em sua versão brasileira, argumenta que demais acessórios como capacetes ou máscaras de proteção não sofrem interferências das políticas francesas. [17] Fechamos a exposição dessa notícia com uma frase do ministro da imigração na França no período de Sarkozy, Eric Besson – marroquino e descendente de libaneses: “a burca é como um caixão ambulante”.

De ordem religiosa, o preconceito é identificado no efeito de pressupor que ao utilizar o véu, a mulher muçulmana está sofrendo coerção e supressão de sua liberdade. Conforme explica o presidente da Assembleia Mundial da Juventude Islâmica, Sheik Jihad Hammadeh[18], o véu não é um símbolo do islamismo mas sim, uma prática religiosa. Portanto, na utilização do véu, a mulher muçulmana está dentro dos seus direitos de praticar sua religião e isso é uma escolha dela. Em nenhum momento é imposto o uso do véu em países ocidentais e em alguns países que conta com praticantes do islamismo nos outros continentes. As mulheres que aderem ao uso do véu são vistas como oprimidas pela sociedade islâmica patriarcal, no entanto, a opressão nesse caso não seria da sociedade ocidental em limitar a liberdade de expressão da mulher muçulmana e sua vivência na religião?

## Considerações finais

A discussão sobre islamofobia nunca esteve tão presente como nos dias atuais. A discriminação contra os árabes muçulmanos teve maior intensificação e visibilidade após os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Desde então, a islamofobia vem crescendo de forma assustadora e pudemos observar que diante a crise migratória mundial e os acontecimentos provenientes de grupos terroristas de origem islâmica, as portas para migrantes e refugiados árabes e muçulmanos têm se fechado cada vez mais, inclusive as fronteiras territoriais. Defendemos que o debate sobre islamofobia é extremamente importante para que se rompam os pré-conceitos ocidentais construídos e anexados ao longo da história. No entanto, em nível acadêmico, é válido que essa discussão seja pautada não só na revisão bibliográfica dos mais comuns autores ocidentais sobre o assunto, mas também em autores orientais que possam dar suas visões internas sobre o tema. A divulgação de casos islamofóbicos pela mídia é essencial, pois a recepção e possível comparação de diversas fontes de informações podem provocar no receptor da notícia o exercício do pensamento e a avaliação do que lhe foi transmitido, não se deixando influenciar por veículos midiáticos na identificação de um preconceito, por exemplo, como é o ponto central desse artigo. 🌐

## Lista de figuras

- [1] Foto do menino Aylan Kurdi morto em uma praia da Turquia. Fonte: Google Imagens, 2015.
- [2] Charge produzida pelo jornal Charlie Hebdo. Fonte: Google Imagens, 2015.
- [3] Imagem da jornalista chutando um homem que carregava uma criança no colo, os dois caíram. Fonte: Google Imagens, 2015.
- [4] Imagem da jornalista “dando uma rasteira” em menina síria. Fonte: Google Imagens, 2015.
- [5] Mulher muçulmana de niqab. Fonte: Google Imagens, 2015.
- [6] Principais tipos de véu islâmico. Fonte: Google Imagens, 2015.

## NOTAS

\*A autora, à época da submissão, cursava o 7º período do Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: sspriscila@hotmail.com.br.

[1] Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-01-26/reporter-do-ig-se-passa-por-muculmana-e-flagra-reacoes-nas-ruas-e-carnaval.html> - Acesso em: 12/10/2015.

[2] Fonte: <http://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/Migra%C3%A7%C3%A3o-no-Brasil.pdf> – Acesso em: 25/09/2015.

[3] Fonte: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/apos-4-anos-de-conflito-na-siria-brasil-lidera-acolhimento-de-refugiados-sirios-na-america-latina/> - Acesso em: 18/09/2015.

- [4] Fonte: <http://www.brasileirosmulmanos.net/brasileiro/o-que-%C3%A9-jihad--a197.htm> - Acesso em: 24/03/2016.
- [5] Fonte: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3234094/French-magazine-Charlie-Hebdo-facing-legal-action-publishing-cartoons-mocking-death-drowned-Syrian-toddler-Aylan-Kurdi.html> - Acesso em: 13/10/2015.
- [6] Fonte: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,charlie-hebdo-faz-satira-com-menino-sirio-aylan-kurdi,1762934> - Acesso em: 13/10/2015.
- [7] Fonte: <http://www.dw.com/pt/charlie-hebdo-%C3%A9-criticado-por-charge-de-menino-s%C3%ADrio/a-18716406> - Acesso em: 13/10/2015.
- [8] Fonte: <http://tempsreel.nouvelobs.com/en-direct/a-chaud/8670-aylan-insensible-repugnant-charlie-hebdo-provoque-pol.html> - Acesso em: 13/10/2015.
- [9] Fonte: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/08/internacional/1441733966\\_291245.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/08/internacional/1441733966_291245.html) - Acesso em: 14/10/2015.
- [10] Fonte: <http://www.dw.com/pt/cinegrafista-%C3%A9-demitida-ap%C3%B3s-agredir-refugiados/a-18702799> - Acesso em: 14/10/2015.
- [11] Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1680385-nao-sou-racista-diz-cinegrafista-hungara-flagrada-chutando-refugiados.shtml> - Acesso em: 14/10/2015.
- [12] Fonte: <http://www.foxnews.com/world/2015/09/09/latest-hungarian-camerawoman-seen-tripping-kicking-migrants-is-fired-by-her/> - Acesso em: 14/10/2015.
- [13] Fonte: [http://www.lexpress.fr/actualite/monde/europe/une-journaliste-hongroise-fait-scandale-avec-un-croche-pied-a-un-refugie\\_1713751.html](http://www.lexpress.fr/actualite/monde/europe/une-journaliste-hongroise-fait-scandale-avec-un-croche-pied-a-un-refugie_1713751.html) - Acesso em: 14/10/2015.
- [14] Fonte: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3226888/Hungarian-camerawoman-sacked-filmed-tripping-migrants.html> - Acesso em: 14/10/2015.
- [15] Fonte: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,senado-da-franca-proibe-o-uso-de-veus-islamicos-em-publico,609814> - Acesso em: 14/10/2015.
- [16] <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2014/07/01/01016-20140701ARTFIG00056-la-justice-europeenne-se-prononce-sur-l-interdiction-du-port-de-la-burqa-en-france.php> - Acesso em: 14/10/2015.
- [17] Fonte: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140701\\_veu\\_franca\\_ms](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140701_veu_franca_ms) - Acesso em: 14/10/2015.
- [18] Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_VZKkvl2Qkg](https://www.youtube.com/watch?v=_VZKkvl2Qkg) - Acesso em: 14/10/2015.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Chris. Islamophobia and Its Consequences. In: AMGHAR, Samir, BOUBEKEUR, Amel e EMERSON, Michael (Eds.). **European Islam: challenges for Society and Public Policy**. Bruxelas: Centro de Estudos de Políticas Europeias. 2007. pp. 144-167.
- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. In: **Antropolítica**, n.19, p. 15-30, Niterói, 2. sem. 2005. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto.
- CASTRO, Cristina Maria de. A Construção de Identidades Muçulmanas. Um Enfoque Comparativo entre Duas Comunidades Paulistas. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 57, n.4, p. 1043-1076, Dec. 2014. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582014000401043&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582014000401043&lng=en&nrm=iso). Access on 27 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201432>.
- CHÉRIF, Mustapha. **El islam y Occidente: encuentro con Jacques Derrida**. 1ª edição. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007. 96 páginas.
- CRUZ, Rodrigo Ayupe Bueno da. Brimos em Minas: **Processos de construção identitária na Comunidade Árabe de Juiz de Fora**. Dissertação de Mestrado, UFF, 2013

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa - São Paulo, USP. **Revista de Antropologia**. Número 2, volume 54, 2011. pp. 1091-1096.

KEMNITZ, Eva-Maria von. **O Orientalismo na Perspectiva de Edward Said**: comunicação apresentada no Colóquio sobre a Vida, Pensamento e Obra de Edward Said. Lisboa. 2009.

LIMA, Marcos Costa. O humanismo crítico de Edward W. Said – São Paulo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. Número 73, 2008.

LORENTE, Javier Rosón. Discrepancias em torno al uso del término *islamofobia*. In: GROSGUÉL, Ramón e MUÑOZ, Gema Martín (Eds.). **La islamofobia a debate: La genealogía del miedo al islam y la construcción de los discursos antiislámicos**. 1ª edição. Madrid: Casa Árabe-IEAM. 2012. pp. 167-189.

MARIUZZO, Patrícia. Riqueza cultural e capacidade de adaptação são suas marcas. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v.63, n.3, July 2011. Available from 67252011000300022&lng=en&nrm=iso>. Access on 27 Mar. 2016.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. 2012. Grupos étnicos e etnicidade. In: Lima, Antonio Carlos de Souza. **Antropologia & Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos**. Brasília: Contracapa – LACED – ABA. pp. 68-78.

PRAZERES, Tamires Silva Pereira. **As Ideias Formadas do Outro. Um pensamento Crítico Entre o Orientalismo e as Epistemologias do Sul**. In: Anais do XIV Simpósio Nacional da ABH. Juiz de Fora, Minas Gerais, 15 a 17 de abril de 2015. pp. 1509-1518.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. 1ª edição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

Recebido em 06/12/2015

Aprovado em 09/07/2016